



O NASCIMENTO DO CRISTIANISMO

Figura proeminente no debate contemporâneo sobre o que realmente aconteceu no século I, John Dominic Crossan combina neste livro erudição inovadora e discernimento notável para esclarecer o enigma das origens cristãs. Maior especialista mundial no Jesus histórico, o autor pesquisa agora os anos perdidos do cristianismo primitivo, isto é, os anos que precederam e se seguiram imediatamente à crucificação de Jesus.

Por meio de uma combinação interdisciplinar de abordagens antropológicas, históricas e arqueológicas, Crossan determina o ambiente da época e identifica suas fontes escritas, dentro e fora do Novo Testamento; em seguida, analisa literariamente as camadas mais primitivas ainda visíveis nos evangelhos atuais. Desse modo, texto e contexto se unem para

desafiar antigas teorias sobre o papel de Paulo e o sentido da ressurreição, formando, assim, uma nova e eloqüente compreensão daquelas décadas iniciais.

A pesquisa minuciosa no ambiente em que o Cristianismo começou e o estudo do surgimento das primeiras comunidades cristãs formam a base de sua teoria perturbadora e original. Ao separar história, teologia e redação, ele apresenta um relato abrangente da influência mútua do cristianismo primitivo com o mundo que o rodeava e das novas tradições e comunidades que surgiam à medida que os companheiros de Jesus expandiam o movimento depois de sua crucificação.

Inovador e escrito com brilhantismo, *O nascimento do Cristianismo* é indispensável para nossa compreensão das origens da fé cristã.



Telemarketing

0800 - 7010081

SALVAÇÃO E SOLIDARIEDADE NA OBRA DE GUSTAVO GUTIÉRREZ

Prof. Dr. Pe. João Carlos Almeida, scj¹

RESUMO

Este artigo é o resumo de uma tese de doutorado que procura o significado da salvação e da solidariedade na obra do "pai" da Teologia da Libertação, o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Seus escritos foram analisados no período que vai de 1966 e 1996. A tese tem duas partes. São duas aproximações e mesmo duas leituras da obra desse autor. A primeira se move no horizonte semântico da libertação enquanto tradução possível da salvação com cidadania na história. A conclusão é que o conceito de salvação deve ser definido em chave de comunhão. A segunda aproximação procura a noção de solidariedade a partir da análise da linguagem, do conteúdo e do método utilizados por Gutiérrez em seus escritos. O conceito mais sintético de solidariedade encontrado nesta obra é "amor eficaz". A conclusão é que a Teologia da Libertação elaborada por Gustavo Gutiérrez traz em seu núcleo uma Teologia da Solidariedade, pois reflete a partir do compromisso com os pobres. Uma nova geração que queira elaborar uma Teologia da

¹ Este artigo é um resumo da Tese apresentada no dia 25 de novembro de 2004, como exigência parcial para a obtenção do título de doutor em Teologia, com concentração em Dogma, à comissão julgadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, sob orientação do Prof. Dr. Dom Benedito Beni dos Santos.

Solidariedade deverá, portanto, reler esta Teologia da Libertação e encontrará uma reflexão soteriológica densa e interessante, naturalmente com limites impostos a uma teologia comprometida com o seu contexto histórico.

ABSTRACT

This doctor thesis explores the meaning of salvation and solidarity according to the work of the Peruvian theologian Gustavo Gutiérrez, who is considered one of the main contributors of the Theology of Liberation. Gutiérrez's writings were analyzed from 1966 to 1996 and allowed me to structure this thesis in two parts. From one perspective, I explore the link between salvation and historical citizenship and conclude that salvation may be comprehended as a communion key. From a second perspective, I seek to use the definition of solidarity from an analysis of the language, content and method of Gutiérrez's writings, which leads me to a concise interpretation of solidarity as "effective love". Finally, this work concludes that the Theology of Liberation proposed by Gutiérrez has in its "nucleus" a Theology of Solidarity, once it is committed to the liberation of poorest people. Further studies in the realm of Theology of Solidarity should consider exploring Gutiérrez's work (*Theology of Liberation*) taking into account its limitations given its historical background.

INTRODUÇÃO

O objetivo central de nossa pesquisa de doutorado foi identificar os conceitos de *salvação* e *solidariedade* na obra de Gustavo Gutiérrez e verificar que relação existe entre os dois. Nossa hipótese é que, assim como existe em sua obra uma Teologia da Libertação, que traduziu o conceito de salvação para toda uma geração, há também uma Teologia da Solidariedade embrionária na linguagem, no conteúdo e no método. Esta intuição poderia alimentar o fôlego teológico de uma nova geração de teólogos neste início de milênio.

A conjuntura sócio-política internacional mudou significativamente em relação ao que se vivia nas décadas de 60 e 70, porém os pobres "continuam no meio de nós"! Como, então, falar de Deus a partir do compromisso com a nossa realidade, hoje? Para evitar equívocos de leitura é preciso dizer desde já que não é nosso propósito entender a "solidariedade" como uma linguagem de superação da categoria "libertação". Veremos como os dois conceitos estão presentes na obra de Gutiérrez desde o início e se completam para significar o conceito de salvação, cujo substrato semântico está na "comunhão".

Vários motivos nos levaram a optar por este autor: sua enorme relevância teológico-pastoral na América Latina, a comunhão de Igreja com que elabora sua reflexão, a coerência entre sua vida e sua obra e, principalmente, seu compromisso concreto com os pobres.

O conceito de salvação foi escolhido por ser uma espécie de "raiz" de onde brota toda a reflexão teológica. Juntamos a esta noção fundamental, a novidade terminológica do nosso tempo simbolizada pela palavra "solidariedade", que espera uma leitura cada vez mais lúcida e profunda. Além dessas motivações de caráter mais pessoal, fomos estimulados pelo tema escolhido para a Campanha da Fraternidade de 2005: "Solidariedade e Paz", celebrada em clima ecumênico. Uma última motivação é certa desproporção que percebemos entre a frequência com que se utiliza – em todos os campos – a palavra solidariedade, e a falta de suficiente reflexão sobre seu real significado. É impressionante que ainda não tenhamos uma Teologia da Solidariedade mais sistemática. Estas foram algumas das motivações que nos levaram a optar pelo tema "Salvação e Solidariedade na obra de Gustavo Gutiérrez".

Como método optamos, basicamente, pela pesquisa bibliográfica. Tomamos a obra de Gutiérrez escrita entre 1966 e 1996. Com isso analisamos desde alguns escritos anteriores àquela que é considerada a sua primeira obra – "Teologia da Libertação: perspectivas" – publicada em Lima, em 1971, até o seu último artigo de impacto – "Onde dormirão os pobres?" – publicado em Lima, em 1996. Com a análise destes trinta anos de produção literária acreditamos ter material suficiente para analisar os dois conceitos que são o objeto desta pesquisa sem perder de vista o pensamento global do autor.

Não é muito fácil encontrar a bibliografia completa de Gutiérrez. Mais difícil ainda é a tarefa, exigida pela honestidade acadêmica, de perseguir o seu tortuoso processo de elaboração teológica, que parte de um compromisso com o contexto histórico, passa intensamente pela oralidade de suas conferências registradas posteriormente por escrito e, depois, reelaboradas e re-publicadas diversas vezes até dar à luz um livro, às vezes depois de dez anos. Procuramos, na medida do possível, perseguir este processo de elaboração, próprio do autor. Isso exigiu nosso deslocamento até Lima, no Peru, terra natal de Gustavo Gutiérrez. Ali encontramos o "Centro de Ediciones y Publicaciones" (CEP), onde tivemos acesso à edição original da maioria de suas obras. Além disso, foi necessário aprofundar as pesquisas no "Instituto Bartolomé de Las Casas" (IBC), fundado por Gutiérrez da década de 70 e que, entre outras coisas, conserva um ótimo acervo bibliográfico, incluindo livros, revistas, boletins, jornais, mapas, manuscritos e preciosos originais de algumas obras. Ali encontramos opúsculos até dez anos anteriores ao livro "Teologia da libertação". Tivemos ainda a oportunidade de entrevistar o próprio Gustavo Gutiérrez a respeito de detalhes que não encontramos em suas obras e que seriam importantes para nossa pesquisa.

Esclarecidos os nossos objetivos, motivações e método, agora queremos traduzir a nossa hipótese sob a forma de "problema", que poderia ser expresso em três perguntas fundamentais:

1. Como Gustavo Gutiérrez traduz o conceito de salvação?
2. Qual o seu conceito de "solidariedade"?
3. Que relação existe entre salvação e solidariedade na obra deste autor?

Para responder a estas questões optamos por fazer duas aproximações de sua obra. A primeira verifica o conceito de salvação. A segunda se dedica ao conceito de solidariedade e de sua relação com a salvação. A primeira aproximação já foi objeto de muitas pesquisas, pois sabemos que a Teologia da Libertação é frequentemente definida como uma Teologia da Salvação para os dias de hoje. Não há muita originalidade nesta leitura, mas ela é fundamental para situarmos o pensamento do autor e tomarmos fôlego para a segunda abordagem de sua obra. Esta será nossa contribuição original

para a teologia, pois percebemos que a leitura da "soteriologia da solidariedade" presente na obra de Gutiérrez, ainda não foi feita e se apresenta urgente em nosso mundo que utiliza, cada vez mais, o termo solidariedade para pensar as relações interpessoais, internacionais, ecológicas e espirituais.

Desta maneira, dividimos nossa tese de doutorado em duas partes. A primeira se move no horizonte semântico da libertação, enquanto tradução possível do conceito de salvação com cidadania na História. A segunda parte tem como propósito fazer uma nova leitura da obra de Gutiérrez para identificar de que maneira o conceito de solidariedade aparece e se tem alguma ligação com o conceito de salvação, da maneira como foi identificado na primeira parte da tese.

Com estas duas aproximações retrospectivas e verificativas da obra de Gutiérrez e tendo sintetizado os seus conceitos de salvação e solidariedade temos respondido às questões que problematizaram o início de nossa pesquisa e estaremos aptos para concluir com um balanço crítico desta e, de maneira prospectiva, poderemos propor uma pauta teológica para aqueles que queiram fazer parte deste esforço de viver, pensar e escrever a Teologia da Solidariedade.

1. A "LIBERTAÇÃO SOTERIOLOGICA"²

1.1. Roteiro da reflexão

Na primeira parte de nossa tese pesquisamos o conceito de salvação da maneira como aparece ao longo das obras de Gustavo Gutiérrez. Desde já, é preciso dizer que este autor não é sistemático, no sentido de um escritor

² A expressão "Libertação Soteriológica" é de João Paulo II e está em sua carta aos bispos brasileiros, após a visita *ad limina* de 1986, ao final de um tumultuado período de muitas críticas aos fundamentos da Teologia da Libertação, feitas pela Congregação para a Doutrina da Fé. A carta é datada do dia 09 de abril. O papa reconhece a libertação como um aspecto da salvação em Jesus Cristo. Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem aos bispos do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 1987. 17 p. A expressão "Libertação soteriológica" aparece à p. 14. Também em: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Instruções sobre a Teologia da Libertação*, São Paulo: Loyola, 1986, p. 115.

de Tratados. Por isso, é necessário evitar a tentação de sistematizar demais um conceito teológico que não aparece dessa forma em sua obra. Caso contrário, correríamos o risco de colocar na sua boca o que ele nunca pensou ou não quis dizer.

O conceito que escolhemos como tema da tese, aparece de modo mais intenso e explícito na obra "Teologia da libertação; perspectivas"³. Este foi o nosso principal campo de pesquisa, mas não o único. O conceito encontrado nesta obra foi completado e aprofundado ao longo dos diversos escritos deste autor. Em cada um deles Gutiérrez procura evidenciar um ponto importante, que devemos considerar atentamente, a fim de completar o mosaico do seu conceito de salvação.

A primeira parte da tese possui três capítulos. No primeiro fizemos algumas "considerações preliminares", pois antes de entrarmos propriamente no objeto da pesquisa é imprescindível um conhecimento da vida e da obra de Gustavo Gutiérrez, já que sua reflexão é inseparável de seus compromissos de cidadão e de cristão. Passamos também em revista, as principais influências que ele recebeu de outros autores e também identificamos, em suas atividades acadêmico-pastorais, horizontes de compromisso que influenciaram seu modo de pensar a fé.

No segundo capítulo, explicitamos alguns importantes "marcos teológicos" necessários para entender a globalidade do pensamento de Gutiérrez. Este autor já foi acusado de alguns reducionismos como o "historicismo" e o "immanentismo", por pessoas que isolaram uma frase de sua obra, desconsiderando o todo de suas afirmações. Para evitarmos este risco passamos pelas "idéias fortes" do pensamento de Gutiérrez, mostrando de que maneira elas

apontam para o conceito de salvação. Identificamos o compromisso com os pobres como o ponto de partida de onde ele se lança para pensar a salvação. Passamos, ainda, pelo seu método, por sua visão unitária da história e procuramos identificar sua cristologia, antropologia e eclesiologia.

Desta maneira, ingressamos no terceiro capítulo, chegando ao centro da questão, nos aproximamos lentamente do conceito de salvação. Primeiro, indicamos os reducionismos apontados por Gutiérrez, ou dos quais ele foi acusado. Em seguida vimos como este autor insiste, por um lado, que a salvação é fruto da iniciativa gratuita de Deus e, por outro, que as ações libertadoras do homem já são realização histórica da salvação. É o célebre binômio graça-natureza. Chegamos, então, a uma das abordagens mais originais de Gutiérrez: os três níveis de libertação que coincidem com três níveis epistemológicos: ciências sociais, filosofia e teologia.

1.2. Síntese do conceito de salvação: comunhão

Após indicar brevemente o roteiro que seguimos para identificar com fidelidade o conceito de salvação na obra de Gutiérrez, podemos então enunciar os aspectos mais relevantes desta noção central da teologia cristã, na leitura deste importante pensador latino-americano.

Na obra de Gutiérrez, a palavra chave para expressar o conceito de salvação é "comunhão". A elaboração mais sintética que encontramos deste conceito neste autor, foi: "comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si"⁴. A categoria da comunhão, associada ao conceito de salvação, aparece ao longo de toda a obra do teólogo peruano⁵.

³ GUTIÉRREZ, G. *Teología de la liberación: perspectivas*. Lima: CEP, 1971. Traduzido no Brasil: Idem. *Teologia da Libertação: perspectivas*. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 24. Citaremos simplesmente: "TdL 1". É preciso estar atento à segunda edição desta obra onde há algumas modificações: Idem. *Teología de la liberación: Perspectivas*. Con una nueva introducción: Mirar Lejos. 9ª ed. segundo a 6ª ed. corrigida. Lima: CEP, 1996, 439 p. Citaremos: "TdL 2". Sua publicação em português pode ser conferida em: Idem. *Teologia da Libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000. 366 p.

⁴ GUTIÉRREZ, G. *TdL 1*, p. 128.

⁵ Neste sentido vale a pena conferir: GUTIÉRREZ, G. *La verdad los hará libres: confrontaciones*. Lima: CEP; IBC, 1986, p. 165-202. Citaremos: *La verdad*. Além disso, em obra recente Gutiérrez diz: "A salvação, quer dizer, a comunhão, a amizade com Deus e entre nós mesmos, não é uma conquista humana [...] é graça. Ninguém deve vangloriar-se com suas obras". Idem. *Compartilhar a Palavra no decorrer do Ano Litúrgico*. Tradução: Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 95. Citaremos: *Compartilhar*.

Esta comunhão não é uma realidade apenas sobrenatural ou ultra-mundana, nem somente escatológica. Conforme tivemos oportunidade de demonstrar, Gutiérrez insiste – a partir de sua visão unitária da história, da idéia de salvação universal e da vocação única para a salvação, geradas na categoria cristológica da “Encarnação – que a salvação é, também, uma realidade intra-histórica que orienta, transforma e leva a história à plenitude⁶. Esta plenitude acontece em Cristo⁷. Nas palavras do autor, estamos diante de uma “história cristofinalizada. [...] a ação salvífica de Deus conduz toda existência humana”⁸.

Desta maneira fica garantida, por um lado, a iniciativa gratuita de Deus⁹ e, por outro, a cidadania histórica da salvação nos gestos humanos de libertação¹⁰. “A fé num Deus que nos ama e nos chama ao dom da comunhão plena com ele e da fraternidade entre os homens, não só não é alheia à transformação do mundo, mas leva necessariamente à construção dessa fraternidade e dessa comunhão na história”¹¹.

Portanto, a salvação não é um valor religioso que desvaloriza a vida presente, ao contrário, dá o verdadeiro sentido à este mundo porque a salvação, de uma maneira inicial, “já se dá nele”¹². Observemos que Gutiérrez

toma os devidos cuidados de linguagem para não cair em reducionismos políticos, ideológicos ou historicistas. Porém, o autor não economiza palavras para defender o valor da ação humana na história. Ele se insere naquele movimento neotestamentário que afirma que a fé opera pela caridade¹³.

Todos estes elementos que recolhemos e documentamos da obra de Gutiérrez mostram que a categoria central utilizada para definir o conceito de salvação é a “comunhão”. Ora, se a salvação pode ser definida pela categoria da “comunhão”, então, o pecado “enquanto ruptura com Deus, é realidade histórica, é quebra de comunhão dos homens entre si, é fechamento do homem sobre si mesmo”. Este pecado, pessoal e social, impede o homem de chegar “à plenitude que denominamos salvação”¹⁴. Gutiérrez desenvolve esta cristologia-antropologia, de raiz bíblica, que vê o outro, de modo especial o pobre, como sacramento de Deus¹⁵. Quebrar a comunhão com os irmãos é quebrar a comunhão com Deus. Aquilo que se faz ao “irmão” é referido diretamente a Deus. Isto, mais uma vez, tem como raiz a “Encarnação”. Por

⁶ Cf. GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 129.

⁷ Neste contexto, Gutiérrez lembra um importante texto do documento de trabalho para Medellín que influenciou sua noção de salvação: “O centro, pois, do designio salvador é Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição transforma o universo e possibilita o acesso dos homens a sua verdadeira plenitude humana. Esta plenitude envolve o homem em sua totalidade: corpo e espírito, indivíduo e sociedade, pessoa e cosmos, tempo e eternidade. Cristo, imagem do Pai, Deus-homem perfeito, assume existência humana em todas as dimensões”. *Signos*, 210b. Apud: GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 128.

⁸ *Ibidem*, p. 129.

⁹ Já em sua primeira obra este autor pontua isso com clareza: “A comunhão com o Senhor e com todos os homens é, antes de tudo, um dom”. *Ibidem*, p. 174.

¹⁰ Vale registrar este texto onde este autor reconhece esta espécie de “colaboração” entre a graça de Deus e a liberdade humana: “A graça de Deus é efetivamente dom e tarefa. Iniciativa gratuita de Deus e resposta livre do ser humano marcam o processo salvífico. Aceitar o dom da filiação adotiva deve expressar-se na construção de uma autêntica fraternidade na história”. GUTIÉRREZ, G. *La verdad*, p. 202.

¹¹ GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 22.

¹² GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 128. No mesmo lugar Gutiérrez explica em termos de teologia bíblica: “a perspectiva profética (o reino assume, transformando-a, a vida presente) reclama seus direitos em face de uma perspectiva sapiencial (primazia da vida ultraterrena)”.

¹³ Veja, por exemplo, este texto, muito citado por Gutiérrez: “Os homens já aceitam em parte a comunhão com Deus, ainda quando não venham a confessar explicitamente a Cristo como seu Senhor, na medida em que movidos pela graça (LG 16) por vezes secretamente (LG 3.22) renunciam ao próprio egoísmo e procuram criar uma autêntica fraternidade entre os homens. Não a aceitam enquanto se desinteressam da construção do mundo, não se abrem aos demais e retraem-se culpavelmente em si mesmos (Mt 25,21-46)”. CELAM. *La pastoral de las misiones de América Latina* [conclusões do encontro de Melgar organizado pelo departamento de missões do CELAM]. Bogotá, [s.n.], 1968, p. 16-17. Apud: GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 127, nota 8. Ainda na mesma nota Gutiérrez faz alusão a um outro texto do *Documento de trabalho preparatório para a Conferência de Medellín*, que vale a pena citar como contexto de reflexão no qual é elaborado o conceito de salvação: “Os homens dão a esta salvação oferecida em Cristo uma resposta livre. De algum modo já a aceitam, embora não conheçam explicitamente a Jesus Cristo, quando, movidos secretamente pela graça, se esforçam por sair do seu egoísmo para se abrir à tarefa de reconstruir este mundo e entrar em comunhão com seus irmãos. Não a aceitam quando se negam a reconhecer este trabalho de promoção e de comunhão com os outros, o que constitui um pecado”. *Signos*, 212b. É neste sentido que Gutiérrez situa o sentido cristão da fé: “Crer em Deus é mais que afirmar sua existência, é entrar em comunhão com Ele, e inseparavelmente com os demais. E isso é um processo”. Apud: GUTIÉRREZ, G. *Beber Beber en su propio pozo: en el itinerario espiritual de un pueblo*. Lima: CEP, 1983. 2ª edição revista e aumentada, p. 145. Por isso este autor condiciona a ortodoxia à ortopraxis. Citaremos: *Beber*.

¹⁴ GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 128.

¹⁵ Para isso Gutiérrez faz referência constante ao texto de Mt 25, 21-46 e à sua tradução para a América Latina no célebre texto dos “rostos sofridos”, Pb 31-39.

meio dela, Jesus assumiu a natureza humana levando-a à plenitude. Já podemos afirmar, com segurança, que a "Encarnação" é um pano de fundo da teologia de Gutiérrez.

A categoria da comunhão aparece ainda explicitada em Gutiérrez pelo "princípio da filiação e da fraternidade". Podemos chamar a Deus de Pai graças ao dom que Cristo nos trouxe por sua Encarnação, vida, morte e ressurreição, e que atua em nós mediante seu Espírito. "A fraternidade repousa sobre a filiação divina. Por isso 'o Espírito mesmo testifica unido com nosso espírito que somos filhos de Deus' (Rm 8, 16)"¹⁶. É a isso que Gutiérrez costuma chamar de "infância espiritual": "A infância espiritual é uma das noções mais importantes do evangelho, ela é a postura de quem aceita o dom da filiação divina e responde a ele forjando a fraternidade"¹⁷.

Neste sentido poderíamos dizer que este autor insere o conceito de salvação no estatuto da comunhão trinitária. O Espírito nos configura a Cristo, fazendo-nos filhos no Filho unigênito do Pai e, conseqüentemente, irmãos. A Igreja, por sua vez, aparece como expressão desta fraternidade que Cristo nos deixou¹⁸. Portanto, a Igreja é um sacramento da comunhão, ou seja, da salvação, na história. Por isso, Gutiérrez recebe com tanto otimismo a expressão do Vaticano II da Igreja como "sacramento universal de salvação"¹⁹.

Ao procurar uma terminologia adequada para exprimir esta realidade da salvação em curso na história, Gutiérrez encontra a palavra "libertação". O autor não reduz o conteúdo desta palavra à "libertação de...", mas afirma que o processo completa-se na "libertação para...": "A primeira se refere à liberdade do pecado, do egoísmo, da injustiça, da necessidade, condições

que exigem uma libertação. A segunda recorda o para quê desta liberdade: o amor, a comunhão; é a etapa final da libertação. *Livres para amar*"²⁰.

Portanto, o Êxodo e a Aliança são as duas faces da libertação. Também aqui a categoria da comunhão se mostra central e até mesmo subjacente à realidade da libertação: liberta-se para a comunhão com Deus e com os irmãos; liberta-se de toda forma de injustiça, opressão, divisão, pecado, para tornar possível a vida em fraternidade, em comunhão.

Para entender melhor este processo de libertação que acontece na história, Gutiérrez estabelece a distinção entre os níveis de libertação. São "três níveis de significação de um processo único e complexo que encontra seu sentido profundo e sua plena realização na obra salvífica de Cristo"²¹. Com isso Gutiérrez reconhece, por um lado, o valor soteriológico do fato histórico, político, libertador, e, por outro lado, afirma que esta libertação na história "é crescimento do Reino, é acontecer salvífico, mas não é a chegada do Reino, nem *toda* a salvação"²². Para expressar a salvação como um todo, o autor ensaiará expressões como "libertação integral".

Com isto descrevemos os aspectos principais do conceito de salvação em Gutiérrez, conforme nos havíamos proposto para a primeira parte de nossa pesquisa, podendo afirmar, com segurança, que a categoria teológica da "comunhão", com suas raízes no "mistério da Encarnação" de um lado e no "mistério da Páscoa" (Êxodo e Aliança – sempre ligados a partir de Cristo), são as bases sobre as quais Gutiérrez reflete teologicamente para garantir a cidadania histórica da salvação, que ele ainda prefere chamar: libertação!

¹⁶ GUTIÉRREZ, G. *Beber*, p. 98-99.

¹⁷ *Ibidem*, p. 189.

¹⁸ Cf. *Idem*. *La verdad*, p. 24.

¹⁹ Este autor indica que os textos mais significativos do Vaticano II a este respeito são: *Lumen Gentium* (LG) 1 e 48. Indica ainda: LG 9; *Gaudium et Spes* (GS) 45; *Sacrosanctum Concilium* (SC) 5; LG 59 e *Ad Gentes* (AG) 9. Cf. GUTIÉRREZ, G. *TdL* 1, p. 213, nota 12.

²⁰ GUTIÉRREZ, G. *Beber*, p. 140. Grifo do autor. Já em suas primeiras obras este autor fazia afirmações deste tipo: "A libertação conduz à comunhão. E nesse processo se constrói o 'povo de Deus'". *Idem*. *A força histórica dos pobres*. Tradução: Álvaro Cunha. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 23. Citaremos: *A Força*. Na sua grande revisão de vida e pensamento voltou a estas afirmações fundamentais: "A libertação do pecado é um lado da medalha, o outro é a comunhão com Deus e com os demais. Segundo uma clássica distinção a 'liberdade de' se orienta em vista da 'liberdade para'. Para isto se orienta a obra salvífica de Cristo. Cravando o pecado na cruz, Jesus nos abre à comunhão plena com o Pai. Esta comunhão nos descobre o sentido de nossa vida". *Idem*. *La verdad*, p. 199.

²¹ GUTIÉRREZ, G. *La verdad*, p. 201.

²² *Ibidem*, p. 58-59.

2. A SOLIDARIEDADE SOTERIOLÓGICA

2.1. Roteiro da reflexão

Vimos de que maneira o conceito de salvação em Gustavo Gutiérrez pode ser expresso em chave de “comunhão”. Agora passaremos a uma segunda aproximação da obra deste autor para identificar o conceito de “solidariedade”. Em nossa pesquisa foi necessário iniciar com algumas considerações preliminares, fazendo o necessário recuo para conhecer, um pouco, melhor a etimologia, a história e a semântica deste “termo”, do uso jurídico no Império Romano ao uso filosófico-sociológico no solidarismo francês do século XIX. Foi preciso, também, verificar de que maneira a solidariedade emerge teologicamente na Doutrina Social da Igreja, nos documentos emanados pelas Conferências Gerais do CELAM e em alguns teólogos de referência na América Latina que utilizaram este termo como uma categoria importante, de maneira intencional, explícita, consciente e reflexa.

Em seguida, vimos de que maneira aparece a “solidariedade” na obra de Gutiérrez sob a forma de linguagem, conteúdo e método. No segundo capítulo passamos em revista três décadas de sua obra, procurando mapear o surgimento do termo e do conceito de solidariedade. Neste capítulo vimos ainda de que maneira outras palavras, como amor, caridade e práxis, devem ser consideradas ao buscarmos as raízes do conceito de solidariedade na obra de Gutiérrez. Fizemos também uma breve, mas interessante, análise de dois textos em que o autor se corrige passando da linguagem da “luta de classes” para a linguagem do “conflito social”, categorias que têm alguma incidência sobre o conceito de solidariedade.

No terceiro capítulo abordamos, propriamente, o conteúdo do conceito de “solidariedade”, a partir da análise da gênese da “opção preferencial pelos pobres”, que praticamente se confunde com sua reflexão, desde a preparação para Medellín, na década de 60. Este, talvez, seja o capítulo mais original de toda a nossa pesquisa e que justifica o esforço por respostas originais e úteis para a teologia que se pretende fazer neste início de milênio, já que “os pobres continuam entre nós”.

No quarto capítulo, vimos que a solidariedade, na obra de Gutiérrez, não aparece apenas sob a forma de linguagem e de “opção”. Ela também serve para definir o método utilizado por este autor. Parodiando a linguagem de Gutiérrez, poderíamos dizer que a solidariedade é “ato primeiro” e a Teologia da Solidariedade é “ato segundo”. Com este novo enfoque, completaremos a análise do método teológico, iniciada na primeira parte da pesquisa, procurando responder à inquietante pergunta proposta por Gutiérrez: como falar de Deus a partir do sofrimento dos inocentes?

2.2. Síntese do conceito de solidariedade: amor eficaz

Após descrever o roteiro de nossa pesquisa temos, agora, elementos suficientes para ensaiar uma elaboração sintética do conceito de solidariedade em Gutiérrez. Em seguida, ao final do percurso, poderemos comparar as conclusões da primeira parte com as desta segunda parte, ou seja, verificaremos de que maneira podemos relacionar os conceitos de salvação e solidariedade de modo que, a partir da resposta ao problema proposto para esta pesquisa, possamos estabelecer algumas bases para uma Teologia da Solidariedade.

Em nossa primeira aproximação da obra de Gutiérrez, concluímos que o seu conceito de salvação – traduzido enquanto realidade histórica pela linguagem da libertação – tem suas raízes na categoria da “comunhão” enquanto expressão teológica do “mistério da Encarnação” e do “mistério da Páscoa”. É neste sentido que podemos falar de “libertação soteriológica”.

Nesta segunda aproximação, é preciso fazer a pergunta: existe na obra desse autor uma “solidariedade soteriológica”? O cotejo desta questão com as conclusões da primeira parte geram outra dúvida que completa a primeira: que ligação existe entre “comunhão” e “solidariedade” na obra desse autor? As duas indicam uma terceira: a Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez possui as bases para uma Teologia da Solidariedade?

A melhor síntese que encontramos foi: "a solidariedade expressa um amor eficaz por todos e em particular pelos mais indefesos da sociedade"²³. Cada palavra neste conceito tem uma densidade soteriológica que assume todos os elementos teológicos que apareceram intrinsecamente unidos ao conceito de comunhão na primeira parte desta pesquisa. O amor humano expresso nos gestos solidários e libertadores na história só ganha eficácia salvífica de sua comunhão com Cristo pelo seu "mistério da Encarnação" que leva às últimas conseqüências a Aliança de Deus com seu povo. Vimos que, bem antes de lançar o livro "Teologia da Libertação", Gutiérrez já focalizava suas reflexões na conexão que existe entre salvação, amor humano e "caridade" divina. Sua conclusão neste tempo é que "o que possibilita que a caridade seja encarnada é que em Cristo o amor divino se encarnou. É por isso que se valoriza o amor humano e que ele é situado como canal de caridade cristã"²⁴. Portanto, a eficácia do amor é dada pela solidariedade de Cristo em sua Encarnação que não se limita a assumir a carne humana no seio de Maria, mas se expressa por sua presença solidária em meio aos homens e mulheres do seu tempo, especialmente os mais pobres, doentes e pecadores. Sua encarnação se prolonga na sua inculturação, passa pela misericórdia, pela justiça e atinge seu ponto máximo na cruz sem nunca perder de vista a esperança da ressurreição, objeto da promessa do Pai. Portanto o movimento salvífico de *kenose* e *doxa* são partes inseparáveis da mesma dinâmica da solidariedade que Gutiérrez chama de "comunhão", ou "amor eficaz" (cf. Fl 2, 6-11).

O conceito de solidariedade expresso por Gutiérrez em toda a sua obra deve ser situado no horizonte do "encontro com Deus na história"²⁵. Ele insiste que "o Deus da Bíblia é um Deus próximo, de comunhão e de compromisso com o ser humano"²⁶. A humanidade é "templo de Deus"²⁷. Em

²³ GUTIÉRREZ, G. *¿Dónde dormirán los pobres?* Lima: CEP; IBC, 2002, p. 56.

²⁴ Idem. *Caridade y amor humano*. Lima: Ed. Tierra Entera, 1966, p. 30.

²⁵ Idem. *TdL 2*, p. 289-364. Todo este capítulo 10 é praticamente um tratado sobre a solidariedade na Bíblia sem ainda utilizar propriamente o termo "solidariedade", que aparecerá explicitamente somente no capítulo 13.

²⁶ Ibidem, p. 290.

Jesus Cristo, Deus armou entre nós a sua tenda (cf. Jo 1,14). Desta maneira a criação é aprofundada em uma nova criação, onde a presença de Deus em sua criatura é cada vez mais densa e cumpre a promessa. Da mesma maneira a aliança é radicalizada em uma nova aliança onde a comunhão entre Deus e o homem já não é pautada apenas em "tábuas de pedra", mas está definitivamente comprometida com "um coração de carne". Gutiérrez valoriza muito esta categoria da "presença" de Deus, que é uma forma de expressar a solidariedade. Neste contexto ele afirma que "os modos da presença de Deus *condicionam* as formas de nosso encontro com ele"²⁸. O encontro com Deus no próximo, especialmente nos pobres, "se aprofunda e universaliza, com a encarnação do Verbo"²⁹ (cf. Mt 25,31-45). É isso que Cristo veio nos revelar. "Salvar é alcançar a plenitude do amor, é entrar no circuito de caridade que une as pessoas trinitárias: é amar como Deus ama"³⁰. Portanto, solidariedade em Gustavo Gutiérrez é o mesmo que "amor eficaz" e deve ser entendida em primeiro lugar como a solidariedade de Deus. Em seguida poderemos entender solidariedade humana a partir do "princípio da filiação e fraternidade", proiungamento antropológico do paradigma da Encarnação, que por sua vez leva a sério a definitiva e total comunhão entre Deus e a humanidade na união sem separação nem confusão da natureza humana e divina em Jesus Cristo, conforme definiu Calcedônia³¹.

O "amor eficaz", portanto, seria "amor salvífico". Conseqüentemente solidariedade eficaz será "solidariedade soteriológica". Gutiérrez jamais utilizou esta expressão, mas é a forma que encontramos de expressar o conceito que transparece na leitura global de sua obra.

Nesta linha, recuperando alguns elementos de nossa pesquisa, poderíamos concluir que esta "solidariedade soteriológica" tem sua raiz na unidade "sólida" entre a natureza humana e a natureza divina em Jesus Cristo.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem, p. 296. Grifo nosso.

²⁹ Ibidem, p. 299.

³⁰ Ibidem, p. 302.

³¹ Cf. Idem. *La verdad*. p. 174.

Esta acepção, portanto, mantém alguma ligação com a origem etimológica do termo, na palavra latina "solidus". O "in solidum" do direito romano enquanto "obrigação que pesava sobre os devedores quando cada um deles era tomado pelo todo"³², poderia, por sua vez, ser lido em chave soteriológica se pensarmos que Cristo, com seu "sacrifício", "pagou" o preço do resgate de todos. Esta segunda acepção não aparece na obra de Gutiérrez.

Outra coisa a se pensar é se a reciprocidade típica do conceito de solidariedade forjado pelo solidarismo francês do século XIX seria compatível com o "amor eficaz", ou "solidariedade soteriológica", que encontramos em Gutiérrez. Isto não significaria condicionar a eficácia salvífica do amor de Deus à sua capacidade de gerar "coesão social", para utilizar a linguagem de Durkheim? Seguindo esta linha chegaríamos à conclusão, um tanto pelagiana, de que a religião salva por meio de uma "solidariedade mecânica" na medida em que é capaz de ocupar a consciência dos indivíduos com seus valores, ou salva por uma "solidariedade orgânica" na medida em os indivíduos que compõem o seu "corpo" estão convencidos de que estes valores são fundamentais para a sua sobrevivência. Outra alternativa seria isentar a solidariedade de Deus de qualquer necessidade da resposta humana para salvar na linha do "só Deus basta". Já vimos que Gutiérrez não aceita nenhum destes dois extremos. Evita reducionismos e afirma que a salvação acontece na vida de quem "aceita o dom da filiação divina e responde a ele forjando a fraternidade"³³. Portanto, ainda que não seja soteriologicamente exato falarmos em "reciprocidade", ou "mutualidade", podemos falar em "responsabilidade". Desta maneira está garantida a iniciativa divina e a resposta humana, sem sinergismo nem alienação. Ou, em outras palavras mais conhecidas, "sem confusão, nem separação". Será, então, que não seria melhor falar de "caridade", para se referir ao amor salvífico de Deus, ao invés de correr o risco das ambigüidades inerentes ao termo "solidariedade"?

³² Cf. LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 1051.

³³ GUTIÉRREZ, G. *Beber*. p. 189.

Assim como a passagem da "solidariedade jurídica" para a "solidariedade político-social" exigiu certos cuidados, também é necessário um filtro crítico para passar desta para a "solidariedade teológica". A Doutrina Social da Igreja resistiu a esta passagem até 1931, quando Pio XI, sem utilizar o termo "solidariedade", sugeriu a analogia entre o "corpo social" e o "corpo místico de Cristo"³⁴, ainda que este fosse princípio inspirador daquele e não o contrário. Pio XII desde 1948 já começou a utilizar o termo e o conceito, porém ainda não em documentos oficiais do Magistério. Somente João XXIII iria inserir a palavra e o conceito de solidariedade, em sua encíclica social *Mater et magistra* (1961), ainda como princípio regulador da vida social inspirado no evangelho e não propriamente como princípio soteriológico. Esta passagem acontecerá no Concílio Vaticano II em um conhecido texto do decreto sobre os leigos, *Apostolicam actuositatem*, em que se fala de "solidariedade sobrenatural" para se referir ao mistério da Encarnação. Apesar disso, o mesmo texto fala de "caridade" e "misericórdia"³⁵. Vimos ainda de que maneira Paulo VI e João Paulo II intensificaram progressivamente o uso teológico do termo "solidariedade". Este último a apresenta como "determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum [...] porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos"³⁶. Vimos como este conceito encontra-se bastante próximo à acepção de Gutiérrez, apenas insistindo na ênfase que deve estar na comunhão, ou seja, na "solidariedade-fato", enquanto Gutiérrez prefere insistir na eficácia histórica do amor vivido na práxis libertadora.

Não é possível entender o conceito de solidariedade em Gustavo Gutiérrez sem considerar atentamente a segunda parte de sua elaboração sintética: "amor eficaz por todos e *em particular pelos mais indefesos da sociedade*". Aqui encontramos a conexão entre o seu conceito de solidariedade e a "opção preferencial pelos pobres", elaborada a partir das três

³⁴ Cf. Quadragesimo Anno (QA) 90.

³⁵ *Apostolicam Actuositatem* (AA) 8.

³⁶ *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS) 538.

acepções de pobreza – material, espiritual e compromisso – e em comunhão de Igreja com as Conferências do CELAM a partir de Medellín (1968). A terceira acepção de pobreza aparece como “compromisso de solidariedade com os pobres, com aqueles que sofrem miséria e injustiça, a fim de testemunhar o mal que estas representam, como fruto do pecado e ruptura da comunhão. [...] A pobreza cristã, expressão de amor é solidária *com os pobres* e é protesto *contra a pobreza*”³⁷. O fundamento deste gesto é a própria dinâmica de salvação escolhida por Cristo em sua Encarnação. O resultado desta solidariedade é a práxis de libertação. Mais uma vez percebemos que existe uma Teologia da Solidariedade subjacente à Teologia da Libertação de Gustavo Gutiérrez.

No final da década de 70, principalmente com o fato de a Igreja em Puebla assumir a elaboração sintética da “opção preferencial pelos pobres” e pelo *kairós* ocasionado pelo martírio de Dom Oscar Romero, em El Salvador, vários teólogos latino-americanos começam a insinuar uma Teologia da Solidariedade. Victor Codina chega a imaginar que passar para o “paradigma” da solidariedade significaria superar a própria modernidade. Faltou fôlego para desdobrar mais esta intuição. Juan H. Pico e Jon Sobrino escrevem motivados pelo impacto muito próximo da morte de Dom O. Romero e do movimento de solidariedade da América Latina com o pequeno El Salvador. O valor destas reflexões esteve em colocar a solidariedade na pauta de estudos da Teologia da Libertação. Vimos como na obra de Gutiérrez ela está presente desde o início, mas não como temática explicitamente central. Jon sobrinho, de um modo todo especial, reflete sobre a solidariedade eclesial de modo a evitar uma comunhão que suavize a opção pelos pobres e desmobilize as lutas de libertação. Sua elaboração parte da ótica das vítimas, privilegia a experiência da cruz e conduz à afirmação do “princípio-misericórdia”, que seria uma linguagem mais bíblica para afirmar o “princípio-solidariedade”. Outros autores, mais recentemente, como Hugo Assmann e Jung Mo Sung fizeram esforços de tematizar a solidariedade, mas privilegiando o universo

pedagógico, social e econômico em detrimento do teológico. Maria Clara Bingemer, por sua vez, procura colocar lado a lado a Doutrina Social da Igreja e a Teologia da Libertação e conclui que ambas coincidem na opção pelos pobres mas são saberes diferentes na origem e no métodos. Segundo ela a Doutrina Social da Igreja lê a realidade a partir da solidariedade, enquanto a Teologia da Libertação a lê a partir do conflito. Solidariedade e conflito seriam, então, duas epistemologias sendo que a segunda tem a capacidade de dotar a solidariedade de potencial libertador.

Vimos de que maneira Gustavo Gutiérrez pontua claramente este elemento do conflito ao interno da solidariedade com os pobres afirmando que ela é também “protesto” contra a pobreza. Há um “com” e há um “contra”. É aqui que o autor insere o conceito de práxis que garante eficiência histórica à eficácia salvífica do amor de Deus. Gutiérrez afirmará em meados da década de 80 que “[...] a *práxis libertadora*, na medida em que parte de uma autêntica solidariedade com o pobre e oprimido, é, em definitivo, uma práxis de amor [...] Mais autêntico e profundo nos parece, por isso, falar de uma *práxis de amor que coloca suas raízes no amor gratuito e livre do Pai*, em que se faz história na solidariedade com os pobres e despossuídos e através deles na *solidariedade com todos os seres humanos*”³⁸. O elemento do conflito apresentado como inerente à práxis, na década de 70, não aparece com a mesma insistência e radicalidade em seus textos a partir da segunda metade da década de 80. O próprio conceito de solidariedade que na década de 70 aparecia intimamente unido à libertação-revolução começa a se aproximar cada vez mais da categoria da “comunhão”, de modo que o “oprimido” passa a ser visto também como “excluído”, ou seja, a matriz do conflito concorre com a da comunhão³⁹. Isto aparece claramente em seu mais recente questionamento: “onde dormirão os pobres?”

³⁸ Idem. *La verdad*, p. 139.

³⁹ É possível que este tenha sido um dos impactos das críticas feitas à obra de Gutiérrez, principalmente pela Congregação para a Doutrina da Fé. Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*. São Paulo: Loyola, 1986. 57 p. Idem. *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*. Petrópolis: Vozes, 1984

³⁷ GUTIÉRREZ. G. *TdL* 1, p. 247. Grifos do autor.

Aqui chegamos ao ponto onde houve uma mudança real no pensamento de Gutiérrez da primeira edição do livro "Teologia da Libertação", em 1971, para a segunda edição revista e corrigida em 1988. No primeiro a luta de classes é vista como um fato, mas também como uma estratégia inevitável para chegar a uma sociedade sem classes. No segundo texto esta matriz marxista é corrigida e o conflito social é visto como um fato, porém não como motor da história. Apesar disso, Gutiérrez continua advertindo que existem situações-limite em que a eficácia do amor exige não admitir a passividade diante do conflito. Gutiérrez concorda com João Paulo II, que não se trata de "luta programada de classes"⁴⁰, mas de simplesmente reconhecer o "fato" da luta de classes e colocar-se do lado dos pobres em coerência com as exigências do amor cristão, que, afinal, deve ser eficaz para com todos, e em particular com os mais indefesos da sociedade.

Dito isto podemos concluir com segurança que em Gutiérrez, a solidariedade é definida como "amor eficaz" que tem raiz no mistério da Encarnação e se prolonga na história por meio da Igreja que é sacramento desta solidariedade que é expressa na "opção preferencial pelo pobre" que em última instância é uma opção pelo próprio Deus que se faz presente no pobre para promover a sua inclusão e garantir a comunhão.

A este "ato primeiro" do compromisso com o pobre segue um "ato segundo" que consiste em pensar a solidariedade. Este método teológico, para escapar de todo cinismo, retórica ou academicismo estéril, precisa iniciar pelo silêncio da contemplação e do compromisso. Pensar e falar de Deus a partir desta primeira mediação dará nova relevância ao discurso teológico. É isso que Gustavo Gutiérrez procurou fazer ao longo de toda a sua vida na sua Teologia da Libertação. Esta mesma estrada se apresenta para quem quiser pensar uma Teologia da Solidariedade.

⁴⁰ Cf. GUTIÉRREZ, G. *TdL* 2, p. 340, nota 11.

3. CONCLUSÃO: POR UMA TEOLOGIA DA SOLIDARIEDADE

Ao final desta reflexão, vale a pena lançarmos um olhar pessoal sobre o caminho percorrido para identificar algumas idéias mais fortes e marcantes que possam servir de sugestão programática para a reflexão que faremos daqui para frente. Isto exigirá rever o problema que nos desafiou e avaliar se a resposta foi satisfatória. Será oportuno e necessário fazer um balanço crítico da proposta teológica de Gustavo Gutiérrez. Com este "fôlego", poderemos indicar uma pauta de reflexão para os que queiram fazer "Teologia da Solidariedade".

3.1. Resposta ao problema da salvação e da solidariedade.

Iniciamos nossa pesquisa procurando identificar os conceitos de salvação e solidariedade na obra de Gutiérrez e verificar que relação existe entre os dois. Resumidamente poderíamos responder às perguntas iniciais da pesquisa, afirmando que a salvação em sua obra é traduzida em linguagem de libertação, mas o substrato semântico mais profundo será encontrado na "comunhão" da humanidade com Deus e das pessoas entre si. A solidariedade, por sua vez é definida pelo autor como "amor eficaz por todos e especialmente pelos mais indefesos". Portanto, percebemos que a "comunhão" e o "amor eficaz" são a chave da relação entre os conceitos de salvação e solidariedade. Dito de outra maneira poderíamos afirmar que, assim como a Criação está para a Salvação-libertação, a Encarnação está para a Páscoa e a Solidariedade está para a Salvação. Por isso, podemos falar perfeitamente de "libertação soteriológica" e de "solidariedade soteriológica".

3.2. Salvação é comunhão

Percebemos que o conceito de salvação não se encontra sistematicamente explicitado na obra de Gutiérrez. No entanto temos que reconhecer a admi-

rável coerência conceitual que encontramos ao longo de seus escritos. O autor mantém alguns referenciais básicos da primeira palestra à sua obra mais recente. O conceito de salvação é um deles. Só é possível compreender a globalidade de seu pensamento identificando estes referenciais permanentes do seu pensar.

Se Gutiérrez não é um autor sistemático, possui, entretanto uma qualidade rara que é fecunda matéria prima para os escritores de tratados: a intuição oportuna! Sempre atento aos sinais de Deus na história; sempre em diálogo com a ciência e a cultura; em admirável sintonia com a Tradição e o Magistério; sempre iluminado pela Palavra de Deus; Gustavo Gutiérrez tem dito a palavra certa, no tempo oportuno. Na aurora da originalidade teológica na América Latina, soube traduzir o velho e fundamental conceito de salvação para uma linguagem compreensível e eficaz neste sofrido continente: libertação! Esta intuição inaugurou um mutirão teológico que buscou de mil maneiras dar cidadania histórica à salvação, revalorizando a ação libertadora do homem na história. A libertação do pobre já é acontecer salvífico, já é advento do Reino, se bem que não seja a salvação toda e nem a chegada definitiva do Reino.

Ao insistir neste tipo de ênfase, vimos de que maneira Gutiérrez teve que se defender das acusações de reducionismo. Estamos convencidos que não se pode acusá-lo de historicismo e de imanentismo sem mutilar a sua obra. Ao lado do valor salvífico do agir humano na história, Gutiérrez ressalta, com surpreendente insistência, a iniciativa gratuita de Deus. Sua reflexão se move neste eixo do diálogo salvífico-libertador entre a graça de Deus e a natureza humana. Gutiérrez professa a sua fé nesta fecunda colaboração entre Deus e o homem; entre o Criador e a criatura, convidada a completar a obra criada; entre o Salvador e a Humanidade, convidada a participar desta "nova criação" colaborando ativamente no processo de libertação que começa na história.

Alguém poderia imaginar que o conceito de salvação, em Gutiérrez é simplesmente a libertação. Este parece ser um equívoco muito freqüente. Curiosamente, aqui, um certo conceito tradicional que definia a salvação apenas como libertação do pecado, coincide com a pretensa forma progressista de resumir a salvação na libertação da opressão. Na verdade a categoria mais profunda que Gutiérrez encontra para definir a salvação é a "comunhão". Esta

comunhão começa na história. Para isso exige-se a libertação do pecado, da injustiça, da opressão; libertação de tudo quanto fere a comunhão. Mas isto não basta. Vimos como a "libertação de..." se completa na "libertação para...". Ou seja: libertação para a comunhão com Deus e com os irmãos. Portanto, o conceito de salvação em Gutiérrez não pode ser resumido na libertação. O processo salvífico deve levar à plenitude da vida humana e isto Gutiérrez exprime na categoria da "comunhão" que encontra suas raízes no mistério da Encarnação. Em Jesus Cristo acontece a plenitude da perfeita comunhão entre Deus e o homem. Na unidade, sem confusão, conforme definido em Calcedônia, entre as naturezas humana e divina de Jesus Cristo, pode-se compreender a colaboração entre Deus e o homem. Nesta compreensão Gutiérrez encontra bases para afirmar a presença de Cristo no pobre. Reconhecer esta presença com o olhar e com a prática é caminho de salvação. Portanto a Teologia da Libertação, intuída e esboçada por Gutiérrez, é construída sobre a plataforma de uma Teologia da Comunhão. Neste sentido, ainda há muito quer fazer na reflexão teológica do nosso continente. As intuições de Gutiérrez permanecem fecundas, oportunas e provocadoras. Não podemos declinar desta reflexão que está na linha de continuidade da Teologia da Libertação.

3.3. Solidariedade é "amor eficaz"

Se a salvação é comunhão, a solidariedade é amor. Comunhão e amor são palavras utilizadas por Gutiérrez para designar a identidade de Deus, seja no seu mistério da Trindade, seja na forma como o Verbo divino assumiu a carne humana de maneira definitiva, sem separação, nem confusão, em Jesus Cristo. O amor eficaz e universal de Deus salva por meio de sua solidariedade para com todos e, preferencialmente, os pobres. Novamente, não encontramos uma elaboração sistemática da solidariedade na obra de Gutiérrez. Ele não faz um recuo semântico, nem uma crítica etimológica do termo, mas começa a utilizá-lo no "mutirão" de Medellín. Aos poucos, junto com uma geração de teólogos da década de 80 e com o próprio entusiasta da categoria, João Paulo II, começa a dar mais destaque a esta terminologia.

Porém nunca a assume como uma espécie de novo paradigma, como seria a proposta de Victor Codina. Não elabora um "princípio-solidariedade", nos moldes do "princípio-misericórdia" de Jon Sobrino. Mas não cremos que este cuidado terminológico seja para garantir uma epistemologia do conflito, essencial à Teologia da Libertação, em oposição à solidariedade, que seria a epistemologia da Doutrina Social da Igreja, segundo a leitura de Maria Clara Bingemer. Na verdade, Gutiérrez dedica boa parte de seu esforço teológico para traduzir a solidariedade em termos de "opção preferencial pelos pobres". Simplificando um pouco, poderíamos dizer que ele passou os primeiros dez anos de sacerdote, escrevendo primeiro capítulo do livro "Teologia da Libertação" (desdobrado em 12 capítulos), em solidariedade com os "amigos dos pobres", que neste período se engajavam na luta revolucionária para tirar nosso continente da secular dependência. Assim, definiríamos seu método teológico como uma reflexão a partir da solidariedade. Os outros trinta anos ele praticamente passou "em busca dos pobres de Jesus Cristo", reescrevendo de mil maneiras diferentes o capítulo 13 do mesmo livro "Teologia da Libertação", que falava sobre "pobreza, solidariedade e protesto". Esta mudança de interlocutor preferencial, dos "amigos dos pobres" para "os próprios pobres" provocou ênfases específicas em seu discurso teológico. A solidariedade é uma delas. Mas há uma constante em todo este trajeto que pode passar despercebida. Toda esta teologia é feita a partir da solidariedade com o "Amigo dos pobres". A reflexão é apenas um "ato segundo". O "ato primeiro" é o compromisso com o Deus dos pobres e com os pobres de Deus. Quem conhece este itinerário da obra de Gutiérrez e perseguiu seu tortuoso processo de reflexão, sempre comprometido com o contexto, sabe dimensionar, por exemplo, o impacto da reflexão bíblica sobre o livro de Jó. Antes de falar sobre Deus para os pobres será necessário aprender a falar com Deus, como fazem os pobres. O teólogo é um aprendiz. Somente depois da lição da solidariedade, pode refletir sem cair no cinismo de deduzir soluções de princípio vagos para aqueles que estão atolados em problemas e miséria. A solidariedade é a resposta de Gutiérrez para perguntas inquietantes: como falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? Onde dormirão os pobres? A solidariedade com os pobres, portanto, é critério de "verificação" da teolo-

gia, pois significa seguir a opção salvífica do próprio Deus, no mistério de sua Encarnação que é, em última análise, um transbordar do seu amor, da sua comunhão. A solidariedade, portanto, é a comunhão em "ato". Pode ser em "ato segundo", falando de Deus, fazendo teologia. Deve ser em "ato" primeiro, calando, contemplando, ouvindo, agindo, transformando, unindo, amando!

A solidariedade soteriológica é o amor divino que se encarna para resgatar seus amigos. É a "opção preferencial de Deus". Este mistério requalificou o amor humano que agora tem densidade soteriológica, pois foi tocado pela graça de Deus. Portanto não existe uma solidariedade profana. Os gestos de solidariedade pelos pobres, de alguma forma, existem em referência à solidariedade soteriológica de Deus. Isto significa simplesmente levar a Encarnação à sério.

A Igreja, por sua vez, é sacramento a solidariedade na história. Ela sabe que "*Extra pauperes nulla salus*" e se esforça para ser uma Igreja pobre, com os pobres e para todos, preferencialmente os mais pobres. Alguns na Igreja vivem uma solidariedade tão radical que se "esvaziam" e se tornam pobres como os pobres. Em tudo isso é necessário estar atento para não idealizar a pobreza que, enquanto estado de carência material, continua sendo um mal. Neste sentido a solidariedade de uma Igreja que se faz pobre, deve soar profeticamente como protesto contra a pobreza e não como proposta alienante para os pobres.

Como podemos perceber, os marcos referenciais do pensamento de Gutiérrez, que recolhemos na primeira parte da pesquisa, se referem tanto à salvação como à solidariedade, já que ambas se encontram na mesma categoria da comunhão e do amor.

3.4. Avaliação do pensamento de Gutiérrez

Ao longo destas páginas já tivemos a oportunidade de indicar os diversos valores e intuições surpreendentes da teologia de Gustavo Gutiérrez. Mas existem alguns limites aos quais devemos estar atentos, principalmente

se quisermos fazer Teologia da Solidariedade a partir de alguns pressupostos que já foram plantados por uma primeira geração.

O principal mérito da teologia de Gutiérrez é também o seu maior limite: é um pensamento comprometido com o seu contexto. É um mérito, pois o compromisso dá à teologia maior pertinência e relevância na hora de transformar a realidade. É uma teologia impactante, eficaz, conseqüente. Mas isso pode limitar a capacidade do teólogo de tomar distância da realidade para agregar outras idéias ao seu pensamento, que podem parecer irrelevantes no atual contexto histórico, mas que podem também ser essenciais para uma compreensão e interpretação mais completa da própria realidade.

A reflexão teológica de Gutiérrez é coerente, porém não é sistemática. Há certas categorias que voltam do início ao fim sem que o autor se perca em contradições. Mas algumas afirmações mereceriam um aprofundamento maior. Gutiérrez estuda muito, lê muito, e diz pouco. É o que acontece, por exemplo, como sua recepção do marxismo.

Em comparação com outros autores, estamos diante de um que possui apenas uma dezena de livros. Considerando que a maioria deles é uma explicitação do último capítulo de "Teologia da Libertação", sobre a pobreza (Em busca dos pobres de Jesus Cristo), ou mesmo do item sobre espiritualidade (Beber em seu próprio poço), ou o primeiro capítulo, sobre o método (Falar de Deus), poderíamos dizer que Gutiérrez escreveu uma única obra teológica, condensada em seu primeiro livro e explicitada nos escritos posteriores.

A falta de sistematicidade no pensamento de Gutiérrez deixa lacunas importantes. Não há uma reflexão sobre a Trindade. Sua cristologia é mínima. A mariologia se resume a algumas páginas. A eclesiologia, um pouco mais desenvolvida, é insuficiente. Mesmo a soteriologia, que era o propósito inicial da Teologia da Libertação é visitada raramente em suas fontes. Mas a principal lacuna que observamos é a falta, quase completa, de uma pneumatologia. O "Pai dos pobres" mereceria uma maior reflexão por este autor, principalmente para perceber de que maneira o Espírito Santo atua

para realizar a "presença sacramental" de Deus na história. A pessoa do Espírito Santo é tratada com um inquietante silêncio na obra de Gustavo Gutiérrez. Ele é citado em um contexto chave, como aquele que garante o mistério da filiação e fraternidade em Cristo (cf. Rm 8, 15-17). O Espírito Santo habita na história; é hóspede de cada pessoa humana; é o promotor da comunhão. Tudo isto é reconhecido, mas pouco desenvolvido por Gutiérrez.

Outra lacuna refere-se aos dois primeiros níveis de libertação: da ciência e da filosofia. Com a mudança de conjuntura sócio-política-econômica na América Latina e no mundo, a teoria da dependência tornou-se uma "ferramenta curta" para a análise exigida. Gutiérrez reconhece isto. No entanto tem dificuldade para dialogar com outra ciência social que explique melhor a atual conjuntura e os mecanismos que favorecem a exclusão. Quanto à filosofia (segundo nível), o declínio do regime comunista e outros fatores ligados a conjuntura eclesial, fizeram diminuir a euforia com o Marxismo. Isto deixou um vazio. Observamos que as publicações mais recentes de Gutiérrez têm sido cada vez menos interdisciplinares. O autor tem ficado mais no terceiro nível: o nível da teologia. Neste contexto pontuamos mais uma lacuna que é a falta de desenvolvimento de algumas intuições interessantes, como é o caso dos níveis de libertação. Eles aparecem apenas enunciados pelo autor.

O significado do marxismo na obra de Gutiérrez não pode ser dimensionado fora de seu compromisso de solidariedade com os que alimentavam os sonhos de um socialismo latino-americano, nas décadas de 60 e 70. Até o livro "Teologia da Libertação", o interlocutor preferencial da reflexão de Gutiérrez é o cristão engajado na luta revolucionária, o universitário inquieto com a situação de dependência do continente, o teólogo insatisfeito com a instrumentalização da fé pelos poderes opressores e disposto a libertar a teologia destes "desvios escatologizandos ou dualistas" que amorteciam a consciência dos povos. Os pobres já estavam presentes em sua primeira obra, mas somente aos poucos é que irão se tornar o interlocutor preferencial. Com esta conversão pastoral há uma verdadeira mudança nas ênfases, para não dizer que acontece uma virada epistemológica, o que poderia parecer um certo exagero. De qualquer maneira, na década de 80, já não

encontramos a mesma relevância do marxismo em seus escritos. Os pobres, antes vistos como oprimidos, agora, com o aprofundamento da pobreza, são vistos como excluídos. A luta de classes continua sendo um fato, mas já não é vista como um engajamento necessário para o cristão verificar sua fé. Neste horizonte devemos avaliar também o uso que ele faz do termo "práxis" que poderia significar uma recepção acrítica do marxismo. No entanto ele não valoriza esta acepção do termo em sua origem filosófica. Em geral se pode traduzir em seus escritos "práxis" por "ação" ou compromisso. Mas isso não resolve todos os problemas. Partir, seja da práxis, da ação ou do compromisso, oferece o risco de desviar-se para uma teologia pragmática, ou mesmo para uma ideologia legitimadora de determinada práxis. Gutiérrez faz esta crítica em relação à Teologia da Revolução, mas não nos parece que a Teologia da Libertação, pelo seu método, esteja completamente imune deste possível desvio. A solução aparece quando Gutiérrez explicita o "ato primeiro" como tempo da contemplação e do compromisso. Seria o tempo da fé e da caridade, da mística e da ação.

É preciso dizer ainda que a obra de Gutiérrez é fruto de uma intensa disciplina de estudo e redação. Sabemos que ele escreve e reescreve seus textos diversas vezes antes de publicar. É um ávido leitor desde os tempos de sua adolescência em que a doença o obrigou a passar longos períodos em uma cama. Além disso, sua obra é de uma beleza de estilo e correção de linguagem que lhe mereceram um lugar de destaque na "Academia Peruana de la Lengua". É uma espécie de "teologia narrativa", que aproxima seus escritos das obras de literatura de outros escritores do seu país. É curioso o interesse que suscita a obra de Gutiérrez fora dos círculos de teólogos profissionais.

A obra teológica de Gutiérrez poderia ser apresentada como uma "teologia programática". O autor tem a capacidade de intuir algumas questões fundamentais que depois acabam sendo assumidas e desenvolvidas por outros teólogos. Isto favoreceu o surgimento deste enorme esforço teológico latino-americano que conhecemos como Teologia da Libertação. Há pelo menos uma intuição de Gutiérrez que está entre as primeiras e que o autor nunca

desenvolveu com maior profundidade. Trata-se da questão do diálogo inter-religioso. A liberdade religiosa seria o tema de sua tese de doutorado, nunca concluída. Desta preocupação nasceu sua reflexão soteriológica, que por sua vez gerou a sua Teologia da Libertação. Alguma coisa reaparece no comentário teológico à figura de Bartolomeu de Las Casas, enquanto preocupado com a relação entre a salvação dos fiéis e dos infiéis. Porém este tema permanece como uma das maiores lacunas que identificamos na obra de Gutiérrez. Soa quase como um estudo inacabado de alguém que teve que sair às pressas para socorrer os pobres. Neste sentido, Gutiérrez não coloca em questão de necessidade da mediação de Cristo na salvação. Sua teologia, neste particular, é totalmente conservadora. Aliás, não nos parece que a Teologia da Libertação em suas categorias fundamentais seja progressista. Colocado o pobre como interlocutor e a solidariedade como método, a reflexão que resulta poderia tranquilamente ser classificada como "Tradicional".

3.5. Pauta para uma Teologia da Solidariedade

Depois de pesquisarmos a salvação e a solidariedade em Gustavo Gutiérrez percebemos claramente que ainda há muito trabalho por fazer. O autor lançou um desafio sob a forma de intuição genial. Mas não existe em sua obra um desenvolvimento sistemático de uma Teologia da Solidariedade. Esta poderia muito bem ser a tarefa de uma nova geração de teólogos neste início de novo milênio. Neste último ponto de nossa tese tentaremos elaborar uma agenda de tarefas que permanecem em aberto e que poderão ser enfrentadas por "homens e mulheres de boa vontade".

Não nos parece adequado o otimismo apressado de quem sugere que a solidariedade seja assumida como um novo paradigma que ultrapassa aquele proposto pela modernidade. Parece ambicioso demais. Se isto ocorrer, o tempo dirá. Mas não serve como propósito, ao iniciarmos a reflexão, pois poderia facilmente nos conduzir a elaborar uma mera teologia de "escola" que ficaria vaidosamente buscando sua identidade, sua originalidade, ao

invés de buscar a verdade no diálogo com os pobres. Também não nos parece que a solidariedade exclui o elemento do conflito, constituindo-se numa espécie de proposta de comunhão perfeita na história, onde não existiria luta de classes, nem oprimidos, nem opressores. Não é necessária muita sociologia para perceber que os pobres estão morrendo. Não é preciso muita filosofia para interpretar o fenômeno da exclusão do "outro" como um suicídio da espécie. A teologia tem sua palavra de qualidade sobre a solidariedade. É preciso, porém, evitar a recepção acrítica do termo. Assim como foi realizada uma tarefa interessante pelos solidaristas franceses do século XIX, ao absorverem este termo do universo jurídico romano, assim também será necessário um "filtro crítico" ao recebermos a "solidariedade" da filosofia, sociologia e até do senso comum, para a teologia. O que significa tudo, não significa nada. Será necessário fazer o recuo semântico e ressignificar a "solidariedade" para que possa ter sentido no universo teológico. Desde que a *Apostolicam actuositatem* falou de "solidariedade sobrenatural" para se referir a Encarnação do Verbo, tornou-se urgente teologizar melhor a expressão, evitando, por exemplo o sinergismo que poderia aparecer na acepção de solidariedade como "mutualidade" ou "reciprocidade". A união "sólida" entre o divino e o humano poderia ser a "confusão" pronunciada por Calcedônia. Não há "parceria" entre o Divino e o Humano. Os dois não são "iguais" (*par ceris*). Há colaboração e responsabilidade. Há diálogo de liberdades. Neste sentido, há solidariedade.

Será necessário estar atento à insuficiência da categoria solidariedade. A Encarnação exige a Páscoa que na Ascensão representa a definitiva glorificação do humano. Assim, a solidariedade exige a libertação. A promoção da vida é a histórica libertação do humano, na qual glorificamos o Criador. Parodiando novamente Santo Irineu poderíamos lembrar que o que não foi assumido, não foi redimido: sem solidariedade, não há libertação. A solidariedade parece apontar melhor para a categoria da "presença". Mas a salvação inclui também uma pedagogia da "ausência". Por isso a solidariedade precisa incluir em si mesma o conceito de subsidiariedade, como intuiu a Doutrina Social da Igreja, e que teologicamente poderia significar estas parcelas do Verbo que nos

crificam, mas não anulam nossa identidade pessoal. A relação soteriológica entre solidariedade e subsidiariedade é um oportuno campo de pesquisa. Se quisermos, por exemplo, pensar uma Pedagogia da Solidariedade, inspirada no Cristo Mestre, veremos que sua presença entre os apóstolos não é tão "sólida" que os torne dependentes. A libertação acontece pela sabedoria de administrar com subsídios a relação, deixando que o outro seja.

Se a Encarnação é fundamental para ressignificar a solidariedade, outra categoria fundamental é a Trindade, matriz de toda solidariedade soteriológica. As relações entre as pessoas divinas poderão nos ajudar a entender a dinâmica da "solidariedade imanente". Somente em um segundo momento, a partir da Encarnação, poderemos falar de "solidariedade econômica". A identidade da Igreja como sacramento universal de solidariedade encontrará suas raízes no mistério da Trindade e no mistério da Encarnação, no imanente e no econômico. Poderíamos, assim pensar, por exemplo, a identidade do presbítero como um "ministro da solidariedade". O povo de Deus se liga por estes laços em um só corpo onde cada membro sente com os outros e suporta os outros. Neste contexto filiação e fraternidade terão que ser categorias relidas com atenção. O Espírito Santo ocupa um lugar específico na solidariedade trinitária. Ele é totalmente dom. Poderemos pensar de maneira mais aprofundada a relação entre solidariedade e dádiva. Será necessário superar a lacuna que percebemos em Gutiérrez e refletir com profundidade sobre a Pessoa-Dom.

A unidade de Deus, por sua vez, pode ser relida a partir de uma espécie de "solidariedade pericorética". A questão é saber até que ponto da "solidariedade imanente" se presta a ser modelo das relações humanas. Estes conceitos terão que ser re-visitados, por exemplo em Agostinho e Tomás de Aquino, pois escondem soluções interessantes para a questão da solidariedade soteriológica.

A mariologia será um elo de ligação entre a eclesiologia que esboçamos e a antropologia da relacionalidade que pretendemos aprofundar. Maria é ícone da humanidade. É matriz da autêntica solidariedade. Está atenta e

responsável à voz do céu. Está solícita e comprometida com as necessidades de sua prima, que socorre às pressas.

A antropologia da solidariedade pensará a identidade humana a partir da relação com Deus, com os outros, consigo mesmo e com a terra. É o esquema insinuado no mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. São direções de relação da solidariedade que nos compõe enquanto feitos à imagem e semelhança de Deus, e, portanto, destinados a construir relações solidárias. O pecado, fruto de decisões pessoais, acabou se instalando exatamente pelo mesmo mecanismo da solidariedade no mal. Esta é a origem do pecado que chegou até nós por este laço que nos une na mesma terra. Há uma solidariedade-fato, da qual não escapamos. Neste sentido, querendo ou não, seremos solidários. Neste sentido deveremos perguntar até que ponto a solidariedade metafísica serve de base para uma ética da solidariedade e da paz na atual etapa de mundialização. Será apenas uma linguagem para disfarçar velhos conceitos? Ou estamos realmente dispostos a nos aventurar no desconhecido e novo horizonte que se abre à nossa frente.

A Teologia da Solidariedade deverá pensar a questão do tempo, da história. É no aqui, no já, que precisamos ser solidários. Mas vivemos a tensão do "ainda não". Qual o significado da "esperança cristã" para os que caminham solidários motivados pela promessa de terra, pão, paz, vida, casa, comida, cultura, justiça... céu?

Para fazer Teologia da Solidariedade será necessário encontrar nexos de sentido com as buscas das ciências sociais, por exemplo nas inúmeras iniciativas de propor uma economia solidária, e também com a filosofia que a cada dia está mais atenta ao significado global da alteridade e a padrões de pensamento que favoreçam uma cultura mundial da paz e da solidariedade. Neste contexto a "ecologia" é um campo muito interessante onde estas epistemologias têm encontro marcado.

Há outras perguntas inquietantes que deverão ser enfrentadas. Uma delas é: como radicalizar a Encarnação, exigência cristã para uma solidari-

idade eficaz com os pobres, e ao mesmo tempo manter-se aberto ao diálogo com as religiões que não aceitam esta matriz de pensamento? Este diálogo será importante até mesmo para garantir a imunidade das religiões em relação à freqüente instrumentalização pelos amigos da violência.

Todas estas questões exigem uma releitura da Bíblia a partir de uma exegese lúcida e crítica. A atitude de solidariedade aparece nos sinóticos que apresentam um Jesus misericordioso e compassivo. A escola joanina além de garantir a Encarnação do Verbo que arma entre nós a sua tenda (cf. Jo 1,14) o apresenta como "Bom Pastor" que dá a vida. Afirma ainda a inseparabilidade que existe entre o amor a Deus e o amor ao próximo. São interessantes raízes para a Teologia da Solidariedade. Paulo é talvez o que expressou de maneira mais abundante a atitude de solidariedade soteriológica de Cristo que "morreu por nossos pecados" (1Cor, 15, 3), e aparece expressa de modo emblemático no cântico da carta aos filipenses (2, 6-11), um verdadeiro "hino da solidariedade". Também conceitos utilizados fartamente por Paulo como "reconciliação" (Rm 5, 10; 2 Cor 5, 18) ou "expição" (cf. Rm 3, 25) tem ligação com a solidariedade soteriológica de Cristo. Além disso, sua elaboração da comunidade eclesial como "corpo de Cristo" é uma elaboração sofisticada da solidariedade, da qual decorrem compromissos bastante concretos, como é o caso da coleta para a Igreja em Jerusalém. Estes são apenas alguns exemplos rápidos de como existe toda uma tarefa a ser feita na leitura solidária da Sagrada Escritura.

Finalmente, há duas tarefas, ou ações, nesta imensa pauta que a teologia de Gutiérrez já iniciou com muita propriedade e que serve como ótimo e necessário ponto de partida. O "ato" primeiro é "a opção preferencial pelos pobres" e o "ato" segundo é o método teológico. As duas coisas estão intimamente implicadas. A pertinência e a relevância da Teologia da Solidariedade dependerá da sua capacidade de ser aprendiz dos pobres. Neles Deus escondeu a sabedoria que gostaríamos de ver escritas em nossas teses e livros. Permanece válido o louvor de Jesus:

*Eu te louvo, Pai,
Senhor do céu e da terra,
porque escondestes estas coisas
aos sábios e entendidos
e as revelaste aos pequeninos.
Sim, Pai, assim foi do teu agrado (Mt 11, 25-26a).*

BIBLIOGRAFIA: OBRAS PRINCIPAIS DE GUSTAVO GUTIÉRREZ⁴¹

- GUTIÉRREZ, GUSTAVO. *Caridad y amor humano: estudio bíblico*. Lima: Ediciones Tierra Entera, 1966. 31 p. (Serie bíblica nº 1).
- _____. *La pastoral de la Iglesia en América Latina*. Montevideo: MIEC-JECI, 1968. 67 p.
- _____. *Libertad religiosa y diálogo salvador*. In: VVAA. *Salvación y construcción del mundo*. Santiago de Chile: Nova Terra; Barcelona: Dilapsa, 1968, pp. 11-43. (Colección Andina 8).
- _____. *Líneas pastorales de la Iglesia en América Latina*. Montevideo: MIEC-JECI, 1969. 88 p.
- _____. *Teología de la liberación: perspectivas*. Lima: CEP, 1971. 372 p. Publicado no Brasil: Idem. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975. Tradução: Jorge Soares. 275 p.
- _____. *La fuerza histórica de los pobres: selección de trabajos*. Lima: CEP, 1979. 423 p. Publicado no Brasil: Idem. *A força histórica dos pobres*. Tradução: Álvaro Cunha. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Beber en su propio pozo: en el itinerario espiritual de un pueblo*. Lima: CEP, 1983. 2ª edição revista e aumentada. 208p. Publicado no Brasil: *Beber em seu próprio poço: Itinerário espiritual de um povo*. Tradução: Yvone Maria de Campos. São Paulo: Loyola, 2000. 172 p.
- _____. *Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente: Una reflexión sobre el*

- libro de Job*. Lima: CEP; IBC, 1986. 226p. Publicado no Brasil: Idem. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão sobre o livro de Jó*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlech Orth. Petrópolis: Vozes, 1987. 166 p.
- _____. *La verdad los hará libres: confrontaciones*. Lima: CEP; IBC, 1986, 252p. Publicado originalmente em *Páginas*, nº 63-64 (set. 1984). Publicado no Brasil: *A verdade vos libertará*. Tradução: Gilmar Saint'Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2000. 211 p.
- _____. *Teología de la Liberación; Perspectivas*. Con una nueva introducción: Mirar lejos. 6ª ed. rev. e corrigida. Lima: CEP, 1988. 439 p. Publicado no Brasil: Idem. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. Tradução: Yvone Maria de Campos, Marcos Marcionilo. São Paulo: Loyola, 2000. 366 p.
- _____. *El Dios de la vida*. Lima: CEP, 1989. 368 p. Publicado no Brasil: Idem. *O Deus da Vida*. Tradução: Gabriel C. Galache e Marcos J. Marcionilo. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____. *En busca de los pobres de Jesucristo: el pensamiento de Bartolomé de las Casas*. Lima: CEP, 1992. 700 p. Publicado no Brasil: Idem. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo; O pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. Tradução: Sérgio José Schirato. São Paulo: Paulus, 1995. 617 p.
- _____. *Compartir la palabra a lo largo del año litúrgico*. Lima: CEP; IBC, 1995. 401 p. Publicado no Brasil: Idem. *Compartilhar a Palavra no decorrer do Ano Litúrgico*. Tradução: Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1996. 399 p.
- _____. *Densidad del presente*. Lima: CEP; IBC, 1996. 468 p.
- _____. *¿Dónde dormirán los pobres?*. In: VVAA. *El rostro de Dios en la historia*. Lima: PUCP-CEP; IBC, 1996, pp. 9-69. Publicado no Brasil: Idem. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998, 66p.
- _____. *¿Dónde dormirán los pobres?* Lima: CEP, 2002.

⁴¹ Apresentamos as obras de Gutiérrez em ordem de publicação de 1966 a 1996, tempo proposto para a nossa pesquisa de doutorado.